

## Já não é privilégio...

7.X.52

RAUL PILLA

O PODER PESSOAL do Imperador era muito menor, que o dos atuais presidentes da República, e já deixara verdadeiramente de existir nos últimos tempos, com o desenvolvimento do sistema parlamentar. Ele fôra, juntamente com a centralização, o ariete que arruinara a monarquia.

Entretanto (coisa verdadeiramente estranha) afêz-se facilmente o país às orgias dêste poder, que, se tem encontrado alguns grandes anatematizadores, também tem logrado geral complacência. O que antes provocava reações tais que abalaram o regime monárquico, agora se tolera e até chega a defender-se como virtude do regime republicano. As prerrogativas presidenciais encontram zelosos defensores, ainda quando simplesmente se trate de as reduzir aos seus estritos limites constitucionais.

Como explicar a mudança operada? Haverá, por certo, mais de uma causa. Por exemplo, o embotamento da sensibilidade democrática, operada pela ditadura constitucional, a que se reduz na prática o sistema presidencial. Há, porém, uma causa psicológica dominante.

O poder pessoal, no Império, era privilégio vitalício de uma só pessoa — o monarca. Na República, exerce-o o presidente, exercem-no os governadores, exercem-no os prefeitos; isto é, há milhares de titulares interessados na sua manutenção. E, pior do que isto, existe um número de cidadãos que alimentam a legítima ambição de vir a exercê-lo um dia, em qualquer das três esferas politico-administrativas da República e, por conseguinte, não o querem ver podado.

Explica isto que tão combatido tenha sido o poder pessoal na Monarquia, e tão bem tolerado, esteja êle sendo na República. Deixou de ser privilégio...